

Feminilidade

Comentários sobre Feminilidade

(das Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise – 1932-33)

Na primeira versão do Édipo, ou seja, a partir de *A Interpretação dos Sonhos* e rodapés acrescentados posteriormente, até *A Dissolução...*, tem-se uma situação perfeitamente simétrica entre meninos e meninas (“identificando-se” [1] ao progenitor do mesmo sexo, se apaixonariam pelos progenitores de sexo oposto, experiência a partir da qual construiriam seus futuros objetos de amor).

Na segunda versão (“A dissolução do C.Ed.” e “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” [1924/1925]), quebra-se a simetria devido à aferição do “complexo de castração”. O Édipo masculino terminaria quando e onde o feminino começaria, embora pelo mesmo motivo (constatação da castração), concebido de forma simetricamente oposta. O menino ‘abandonaria’ sua pretensão à mãe devido à ameaça, a menina abandonaria sua pretensão à mãe (primeiramente) e ao pai (na seqüência), substituindo o anseio por ter um pênis (suposto enquanto símbolo do poder) pela promessa do bebê, a ser cumprida futuramente.

Em *Feminilidade*, texto que marcaria a segunda etapa da segunda versão do Édipo, a diferenciação entre os sexos é aprofundada mediante a constatação de que a menina teria uma fase “pré-edípiana”, de intenso apego à mãe, cujo encerramento Freud considera deva ser explicado. Em “A dissolução do complexo de Édipo”, o vínculo da menina à mãe é concebido como algo simples, derivado da constatação da “castração”, ou seja, da ausência de pênis. Essa é a principal diferença entre os textos “A dissolução...” e “Feminilidade”.

A questão que Freud desenvolve, em “Feminilidade”, refere-se às razões que levam a menina a renunciar ao ao objeto materno (fonte de amor incondicional, segundo sua interpretação acerca da vivência infantil), A renúncia da menina à mãe, diferentemente do que ocorre com o menino, não poderia dever-se à ameaça de castração.

(Lembremos que Freud não interpreta a fantasia de castração; ele a entende literalmente. A psicanálise contemporânea — através de Jacques Lacan — interpretará a fantasia de castração como metáfora de “separação”, enquanto efeito da aquisição da linguagem, que situa a criança numa posição bem diferente em relação à anterior. A aquisição da linguagem leva a criança a aceder à posição de sujeito. Anteriormente à aquisição de linguagem, a criança ocupava a posição de objeto).

O texto

Os exemplos de Freud não incluem apenas os seres humanos, mas também certas espécies animais. [Contudo, Freud perde de vista que, seja qual fôr a espécie não humana de que se trate, os comportamentos de machos e fêmeas são uniformemente diferenciados - ambos cumprem funções "especializadas" no âmbito da adaptação ao meio. Enquanto isso, no ser humano, a singularidade faz com que haja inúmeras maneiras de 'ser mulher' e 'ser homem'. O masoquismo, que no texto é apresentado como principal exemplo de passividade, ocorre em ambos os sexos].

A discussão coloca em pauta inicialmente a dificuldade de diferenciar os sexos. O critério anatômico é contestado (visto a "disposição bisexual", visto os órgãos atrofiados pertencentes ao outro sexo, e visto (faltou algo que Freud não mencionou, por ser um dado desconhecido na época) que as diferenças hormonais são quantitativas mas não absolutas: o organismo masculino também produz progesterona e estrógeno e o feminino também produz testosterona, embora em quantidade menor.

A diferenciação por critérios psicológicos também falha. (Freud descreve a suposição que associaria atividade com masculinidade e passividade com feminilidade, e a critica, atribuindo-a ao fator cultural, ou seja, ao conjunto de diferentes coerções que incidiriam sobre os gêneros).

Freud chega a mencionar a bissexualidade, mas a atribui ao biológico: "*...partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa*".

Antes da fase fálica, Freud considera que não há qualquer diferença *fundamental* entre meninas e meninos. "*Essas diferenças sexuais não possuem consequência maior: podem ser sobrepujadas por variações individuais*". [2]

(Cabe lembrar que a fase fálica coincide com a aquisição da linguagem [é o seu efeito] e que a constatação da existência dos gêneros feminino e masculino decorre da linguagem e não da percepção, quer visual, auditiva ou outra).

Visto que a fase fálica é causada pela aquisição da linguagem, que confere significação/sentido [3] a "tudo", determinando inclusive o reconhecimento dos gêneros, e após a tentativa frustrada de recusar a diferenciação (mediante as teorias sexuais e as fantasias originárias), constrói-se na criança, durante a própria fase fálica, a identidade sexual e, correspondentemente, o modelo do objeto a ser desejado.

O fator determinante da construção da identidade sexual é a identificação às expectativas inconscientes dos adultos afetivamente ligados à criança.

A partir da fase fálica, quando o pênis e o clitoris se tornam as partes do corpo que mais chamam a atenção da criança, é que se instala a diferença. Desta vez, invertendo a descrição feita no texto anterior (*A dissolução...*) Freud considera que o Édipo

feminino é mais complicado, pois a menina precisará efetuar duas mudanças: mudar de objeto (mãe para pai) e de centro corporal de prazer (clitóris para vagina).

A idéia de uma mudança de objeto é algo novo, que não havia surgido na teorização anterior. Ela se deve a que, graças às psicanalistas de sexo feminino (como Hélène Deutsche, Ruth Mack Brunswick e Jeanne Lampl de Groot), descobriu-se, via transferência, a importância do que Freud denomina “fase pré-ediípiana” na menina.

Na primeira versão do Édipo, a menina dirigia-se como que “naturalmente” ao pai. Na primeira parte da segunda versão do Édipo, a menina dirigia-se ao pai por perceber-se semelhante à mãe. Mas na segunda parte da segunda versão, esse processo é apresentado de maneira diferente:

“...portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto – e um menino mantém ambos. Surge então a questão de saber como isso ocorre...”

Para entender como a menina muda de modelo de objeto de desejo, Freud descreve primeiramente as decepções da menina com a figura materna:

Uma das fantasias da menina seria a de acreditar ter sido insuficientemente amamentada, porque a mãe teria guardado seu leite para o bebê seguinte.

Suplementarmente, a menina hostilizaria a mãe porque esta a proíbe de explorar seu próprio corpo, impede as práticas auto-eróticas. Enfim, a educação, as restrições em geral, “... toda intervenção desse tipo na liberdade da criança deve provocar como reação uma inclinação à rebeldia e à agressividade”.

Porém Freud não pode deixar de constatar o óbvio, ou seja, que essas queixas também podem ser feitas pelo menino, que sofre as mesmas restrições.

O fator específico então – essa é a resposta de Freud – é que a menina atribuiria à mãe a responsabilidade (culpa) por não ter pênis. “...não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem”.

O que resultaria na “inveja do pênis”, sentimento que considera universal nas crianças de sexo feminino [4]. Em consequência, segundo Freud, três alternativas se colocam para a menina: “...uma conduz à inibição sexual ou neurose, outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal”.

Esta última alternativa, como as outras, resultaria da “inveja do pênis” mas, diferentemente das duas primeiras, se expressa pelo desejo de maternidade. O bebê, então, indenizaria a mulher pela ausência de pênis. Assim a menina ingressaria no Édipo, aceitando a “castração”. O mesmo motivo que faria com que o menino “encerrasse” seu Édipo daria início ao da menina. (Freud ainda entende o Édipo como a relação da criança com os adultos, e não como o momento em que o desejo é estruturado).

Quanto a não aceitar a ausência de pênis, Freud a considera derivada de um fator constitucional (biológico). Não faz qualquer menção à identificação. A sua explicação é

contraditória com o que escreveu nas páginas iniciais deste mesmo texto, quando havia criticado a associação entre masculino/atividade, feminino/passividade. Desta vez, ele afirma: *“Só podemos supor que é um fator constitucional, uma quantidade maior de atividade, tal como geralmente é característico do homem”*. A consequência seria a homossexualidade feminina.

Ele menciona, a esse respeito, um possível *“desapontamento com o pai”*, mas insiste que o fator principal, na homossexualidade feminina, seria constitucional. (Aqui novamente o biológico se sobrepõe ao conceito de identificação).

Com relação à frigidez, que explicaria a neurose (isto é, conflito com a sexualidade, dificuldade com a própria feminilidade), Freud hesita entre atribuí-la também ao fator constitucional, *“...com um fator anatômico coadjuvante”*, e ao fator psicológico.

Os preconceitos em relação ao feminino

O texto é pródigo em afirmações de desvalorização em relação à feminilidade.

Essa abordagem deriva do conceito *“inveja do pênis”*, que é universalizada e entendida literalmente por Freud (exatamente como aconteceu com a fantasia de castração).

Exemplos dos preconceitos em relação ao feminino são encontrados profusamente da página 154 em diante:

“...a inveja e o ciúme desempenham, mesmo, um papel de relevo maior na vida mental das mulheres do que na dos homens”

A mãe era admirada enquanto “fálica”, mas, “...com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto ... como resultado da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens”.

“No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis...”

“A inveja do pênis tem uma parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, de modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original”.

“A vergonha, considerada uma característica feminina par excellence... tem, assim acreditamos, como finalidade, a ocultação da deficiência genital”.

“...as mulheres fizeram poucas contribuições para as descobertas e invenções na história da civilização; no entanto, há uma técnica que podem ter inventado – trançar e tecer”.

“Os fatores determinantes da escolha objetal da mulher... onde a escolha pode mostrar-se livremente, ela se faz, frequentemente, em conformidade com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se”.

“A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos. Uma mãe pode transferir para seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma...”

“O fato de que as mulheres devem ser consideradas possuidoras de pouco senso de justiça sem dúvida se relaciona à predominância da inveja em sua vida mental... consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar as pulsões, do que os homens ... uma mulher da mesma idade (30 anos) porém, muitas vezes nos atemoriza com sua rigidez psíquica e imutabilidade”.

Comentários críticos sobre ‘Feminilidade’

Seria necessário distinguir no Édipo dois momentos.

Primeiro

Passagem da condição de objeto para a condição de sujeito. Em que não se trata absolutamente da construção da identidade sexual. É em relação a esse momento que poderia talvez ser aplicada a tese acerca da “primazia do falo”, isto é, de que a criança não reconheceria outro órgão sexual senão o pênis, associado por sua vez ao poder. (A criança interpretaria a relação entre o homem e a mulher como o exercício de poder do masculino sobre o feminino. A condição masculina seria associada a poder, posição de sujeito, e a condição feminina à de objeto desejado, por ser fonte de amor incondicional).

O que significaria tal afirmação? Que ao passar para a condição de sujeito, a criança reivindicaria (inevitavelmente, como indenização para a saída da posição de objeto) a posse total do amor da pessoa que representa a posição de objeto. (Portanto, a mãe, ou substitutas).

Por que essa possibilidade (possuir totalmente o amor do objeto) seria representada pela condição masculina?

É que a criança teria descoberto a relação masculino/feminino, ou melhor ainda, a relação entre adultos (não apenas a diferença de gêneros) e suporia que o masculino está na posição de domínio. Então, na fantasia infantil: masculinidade = sujeito, poder, enquanto feminilidade = objeto, ausência de poder.

(Mas, e no caso de um casal homossexual que houvesse adotado crianças, situação inexistente na época em que Freud viveu? Essa questão será abordada adiante).

Portanto, a descrição freudiana apresenta a fantasia infantil relativa ao masculino como certeza de que o homem tem o que deseja.

Necessariamente? Universalmente? Há, aqui, “pano pra manga”, muita matéria para discussão e reflexão. Seria possível afirmar que o amor incondicional, ou seja, o amor que não coloca limites, é sempre representado pelo feminino e jamais pelo masculino? Em virtude da gestação? Mas, nesse caso, como entender o caso das mães adotivas, que não constituiriam exceção a essa tese?

Seja como for, e antes de discutir essas questões, é preciso entender que “falo” não significa pênis, mas metáfora da posição de domínio daquele que representa a função normativa (ou restritiva, ou educativa, que coloca limites ao desejo de exclusividade manifesto pela criança) em relação a quem representa a função desejante (amor incondicional, que não coloca limites).

Discordando da descrição freudiana, poder-se-ia dizer que a partir da fase fálica (aquisição de linguagem), a criança descobre, ao lado da função desejante, a função normativa (que restringe suas exigências). Quem a representa pouco importa. As afirmações de Freud em relação ao fato de que a criança só concebe um órgão sexual, no começo da fase fálica, seriam então interpretadas da seguinte maneira:

No primeiro momento do Édipo, não há ainda para a criança a noção de masculinidade e feminilidade (ela recusa a noção de gênero para poder negar a relação entre adultos, que a exclui).

O reconhecimento dos gêneros é precedido pela oposição: adulto em posição de sujeito, detentor de poder / adulto em posição de objeto, que não tem poder.

O “falo”, enquanto característica distintiva do masculino, metaforizaria a função normativa, cujos atores teriam esse poder (pai, Deus, o patrão da mãe, o trabalho em geral, as obrigações, o tio, o avô, o guarda da esquina, o médico, o zelador, o síndico do prédio, o padre, o rabino, o pastor, etc., enfim, quem quer que limite o desejo de exclusividade da criança sobre os representantes da função desejante, ou seja, as mulheres).

Com esses agentes que restringem a pretensão da criança à posse exclusiva do amor do objeto desejado (representado quase sempre pela mãe ou figura substituta, preferencialmente feminina), a criança, ao entrar no Édipo (1º momento), passaria então a rivalizar. O falo (metaforizado pela figura masculina adulta) significaria o poder de colocar limites à relação dual entre a mulher (mãe) e a criança.

Função desempenhada por uma figura necessariamente masculina? Não. Num casal homossexual feminino, uma das mulheres poderia representar esse papel, ou ambas, alternadamente. Algo, aliás, também é muito comum no casal heterossexual.

E, por outro lado, o papel restritivo só funciona se devidamente reconhecido pelo(s) representante(s) da função desejante (amor incondicional).

Se a criança se identificar com esse lugar (a posição de sujeito), tem início o processo que, passando pela pretensão do poder absoluto, culminará na aceitação das normas (limites), isto é, na formação do superego (isto é, reconhecimento do desejo do outro).

Segundo

Aqui, sim, se dá a construção da identidade sexual, que significa a derrocada do falo (poder absoluto). A partir desse momento a criança é situada necessariamente no âmbito do gênero, isto é, no conjunto dos seres “masculinos” ou “femininos”. (Mesmo que o comportamento venha a ser, após a puberdade, bissexual, sempre se tratará de uma pessoa bissexual de sexo feminino ou masculino).

De qualquer forma, a construção da identidade sexual significa necessariamente a saída da posição de sujeito absoluto, na qual a criança aspirava a ser a única detentora dos objetos que representam o amor incondicional.

Aqui o falo dá lugar ao pênis, e a “ausência de falo” (“castração”) dá lugar à vagina, ou seja, à descoberta e aceitação da diferença anatômica, que significa a aceitação dos gêneros, ou seja, de que o outro também é desejante, e que a criança não é o único objeto de amor do adulto.

Situação que, por sua vez, se expressa por um conjunto de possibilidades: 1) identificação com o próprio sexo biológico e escolha do objeto do sexo oposto (heterossexualidade); 2) identificação com o outro sexo e escolha do objeto do mesmo sexo (homossexualidade); 3) identificação com o próprio sexo e escolha de objeto do mesmo sexo (homossexualidade); 4) recusa da identidade sexual (neurose); 5) Identificação com ambos os sexos e escolha de objetos de ambos os sexos (bissexualidade).

Portanto, nesse momento, a questão passa a ser a da valorização / desvalorização relativas de ambos os gêneros. Não há mais “somente um sexo” para a criança, crença que caracterizaria o início do complexo de Édipo. A criança reconhece a existência do feminino e do masculino, e vai atribuir a cada um significados diferentes.

O processo que conduz à formação do superego (definido como reconhecimento do desejo do outro), atinge a fantasia fálica (possibilidade de ter todos os objetos de desejo) e produz a aceitação da diferença de gêneros, concomitante à aceitação da falta (com maior ou menor grau de conflito, expresso pela fuga ao objeto = neurose, ou pela dependência do objeto = perversão, ou pela ausência de conflito na relação com o objeto = sublimação). Os dois conflitos (neurose e perversão) como o não conflito (sublimação) estão presentes em todos os sujeitos, em graus diferentes.

Nesse caso, a “inveja do pênis” deixa de ser universal, denotando apenas uma situação singular, a de uma criança cujas fantasias privilegiam a condição masculina (em função das expectativas inconscientes que incidem sobre ela).

Existe também a possibilidade oposta, a da desvalorização do masculino (tanto pela menina como pelo menino).

Caso contrário, não se entenderia a modalidade de homossexualidade em que o menino se identifica com o modelo feminino. E, por outro lado, se a “inveja do pênis” fosse universal, toda menina deveria identificar-se com o modelo masculino, a menos que aceitasse desvalorizar-se, o que está muito distante do que se observa.

A partir do fim da prevalência do falo (expressão aceitável desde que aplicável ao primeiro momento do Édipo), a mãe incorpora os atributos do feminino, o pai os do masculino, o que significa que a relação entre feminino e masculino passa a ser concebida pela criança como relação de desejo entre dois “faltantes” ou “desejantes”, e não como relação em que o masculino se confundiria com o poder absoluto sobre o feminino, considerado como objeto absoluto.

A criança se insere nesse mundo agora habitado pelos gêneros através dos respectivos modelos de identificação e de relação de objeto (ser e ter). Modelos aliás nunca absolutizados (daí a latência homossexual na heterossexualidade e a latência heterossexual na homossexualidade e, além dessa latência, os conflitos latentes/manifestos, ditos neuróticos/perversos, que expressam a dificuldade em aceitar o desejo, ou seja, a falta, em sua expressão sexual, isto é, na expressão da relação desejante com o outro).

O processo de construção da identidade sexual, uma vez diferenciado do primeiro momento, implica na revogação da crença fálica e culminará com a aceitação do *não* dirigido ao próprio desejo... . Ou seja, a restrição ao desejo de não desejar (ter a propriedade absoluta do objeto de desejo).

A esse processo Freud chamou de formação do superego, e Lacan de internalização da lei, metáfora paterna, Nome-do-Pai.

Esse processo teria duas etapas: primeiramente, a aceitação da autoridade apenas quando presente; depois, a internalização da regra (a aceitação do não auto-dirigido), que prescinde da presença da autoridade.

[1] Primeira versão do conceito de identificação, ou seja, identificação a um modelo.

[2] Aliás, mais uma presença da singularidade na teoria freudiana do Édipo, que tende ao genérico.

[3] Consciente/inconsciente.

[4] E cuja correspondência no menino, também suposta universal, seria o temor à castração.

www.franklingoldgrub.com